



RECORTES DE IMPRENSA

DEZEMBRO 2011



COM O APOIO:





Dia para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres

O silêncio é cúmplice do crime

Calar o crime é ser cúmplice do mesmo. No dia em que se assinala a Eliminação da Violência Contra as Mulheres, novas mensagens e nova sensibilização saíram à rua, lembrando a todos que é hora de dizer basta.

Aguentar-se numa linha tênue entre a vida e a morte é o drama vivido por muitas vítimas de violência doméstica, que são sobretudo mulheres. Apesar dos alertas, as acções de sensibilização continuam a não ser demais.

Muitas vezes, a proximidade com outros casos semelhantes, deixa ainda mais inquietas estas vítimas. É o caso de Maria (nome fictício), amiga da mulher que foi agredida com uma faca pelo marido, antes deste por termo à vida, junto ao IPJ em Castelo Branco. “Há muitos anos que o meu ex-marido me agride, primeiro fisicamente e, ultimamente, mais a nível psicológico, o que levou a que nos divorciássemos”, conta, adiantando que algumas agressões ocorreram mesmo em frente do filho, hoje com 15 anos, um jovem que “tem vincada essa revolta, o que se manifesta no seu comportamento na escola”.

Apesar de já não viverem juntos, Maria vive “apavorada”, justificando que ele continua a persegui-la, junto à residência, no local de trabalho ou através do telemóvel. “Não consigo viver sossegada”, desabafa. Já recorreu às autoridades, mas a lentidão dos processos judiciais angustia-a ainda mais. Isto porque, além da questão da violência doméstica, há outros bens que o ex-marido continua a usufruir, apesar de serem sua propriedade. “As autoridades neste caso dizem que não podem fazer nada”, lamenta. E, de facto, legalmente, nestas situações que envolvem bens, enquadram-se no âmbito da vida privada, logo é matéria cível, tendo de ser resolvida em Tribunal. “Em matéria cível, só com ordem do Tribunal a polícia pode actuar”, explicou ao Reconquista o comandante



da PSP, o intendente Nuno Barata Mendes, reiterando que, a polícia apenas pode, e está a actuar, no que se refere à matéria crime do processo, neste caso, o que se enquadra no crime de violência doméstica.

Este ano já morreram 23 mulheres vítimas de violência doméstica, segundo dados do Observatório de Mulheres Assassinadas (OMA), que indica que o número desceu quase para metade em relação a 2009. Na maioria dos casos de homicídio e de tentativa de homicídio já existia violência na relação e “em algumas situações” o crime já era do conhecimento das autoridades, refere o relatório, que foi divulgado pela associação União das Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR).

Sobre esta matéria, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lançou sexta-feira, dia 25

de Novembro, uma nova campanha de sensibilização contra a violência doméstica, dia em que se assinalou o Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres, assim designado pela Organização das Nações Unidas desde 1999.

“Em 2010, 31.679 mulheres caíram e bateram com a cara no lavatório em três locais diferentes”; ou “Em 2010, 31.679 mulheres tropeçaram e bateram em cheio na maçaneta da porta”, ou ainda “Em 2010, 3.701 crianças caíram das escadas várias vezes seguidas”. Mensagens que podem parecer estranhas, mas que realçam as “principais desculpas” que escondem situações de maus-tratos. O objectivo da campanha passa por apelar à exposição destes casos, que se concretiza na mensagem que fecha o anúncio: “E milhares de portugueses continuam a

fingir que não vêem. Todos os dias mulheres são vítimas de violência doméstica. Não contribua para que esta situação continue. Quebre o silêncio”.

Aposta na sensibilização

No âmbito do IV Plano Nacional Contra a Violência Doméstica, que começou este ano e termina em 2013, a Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG) lançou também neste dia mais uma campanha de sensibilização para combater este flagelo. Até porque, segundo os dados oficiais, uma em cada três vítimas de violência doméstica permanece mais de 10 anos na relação. Mas as instituições alertam ainda que “cada vez mais mulheres vítimas de violência doméstica resistem a refugiar-se numa casa abrigo, preferindo viver com

o agressor” e porque “temem perder os seus empregos”, uma vez que esses abrigos são longe de casa.

Até ao segundo trimestre deste ano, as forças policiais receberam 14.508 participações relacionadas com casos de violência doméstica, sendo 85 por cento das vítimas mulheres e 15 por cento homens, valores quatro por cento inferiores aos do mesmo período do ano anterior. O Plano Nacional de Combate à Violência Doméstica prevê outras 50 medidas preventivas, que contam com o envolvimento das autarquias. A divulgação de boas práticas empresariais no combate à violência doméstica, a implementação do rastreio nacional de violência doméstica junto de mulheres grávidas, a implementação de programas de uma intervenção estruturada para agressores, o alargamento a todo o território nacional da utilização da vigilância electrónica, ou a criação do mapa de risco georeferenciado do percurso das vítimas são algumas dessas medidas.

Nos últimos oito anos morreram 241 mulheres por violência doméstica, ocorrendo nove em cada 10 crimes dentro da residência e, muitas delas, depois da separação do agressor. As facas e as armas de fogo continuam a ser as armas mais usadas pelos homicidas. Houve ainda, no mesmo período, mais 321 tentativas de homicídio.

Lídia Barata



Abusador sexual de crianças fica com pena suspensa

Tribunal de Penacova teve em atenção os 78 anos do arguido, mas proíbe-o de ter contacto com qualquer criança, incluindo as vítimas

José Carlos Salgueiro

■ Um homem de 78 anos, residente na freguesia de Lorvão, foi ontem condenado a dois anos e seis meses de prisão, em cúmulo jurídico, por dois crimes de cariz sexual contra crianças, uma das quais sua bisneta.

O Tribunal de Penacova estipulou como penas parcelares, um ano e seis meses de prisão, para um crime de abuso sexual de crianças, e um ano e 10 meses para um crime de importunação sexual.

O colectivo decidiu pela suspensão da pena, por um período de dois anos e seis meses, estando o arguido obrigado a não contac-

tar com crianças, incluindo as duas vítimas, nem frequentar espaços destinados ou frequentados pelos mais novos.

O presidente do colectivo disse mesmo ao arguido que a pena «só é suspensa atendendo à sua idade, senão tinha de cumprir a pena», considerando ainda «grave que o senhor satisfaça os seus desejos sexuais recorrendo a crianças».

O homem, para além das custas do processo, terá ainda de pagar uma contribuição de mil euros à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, assim como uma indemnização de quatro mil euros à bisneta, por ofensa à autodeterminação sexual de

menor. Tinha sido pedida uma indemnização de 150 mil euros por danos não patrimoniais, mas o tribunal entendeu que não se verificaram os pressupostos, nomeadamente que o crime cometido não terá alterado a personalidade ou o carácter da menina, que tinha 11 anos na altura dos factos, em 2008.

O Tribunal deu como provado o crime de importunação sexual, cometido várias vezes, em 2008, sobre a bisneta do arguido, a quem este chamava, até que ela olhasse, e exibia os órgãos sexuais. Este crime viu a moldura penal agravada, por se tratar de uma vítima menor de 14 anos.

O crime de abuso sexual ocor-

reu em Maio de 2010 e teve como vítima uma vizinha, de apenas cinco anos. O colectivo deu como provados os factos constantes da acusação, nomeadamente que o arguido acariciou a menina nos órgãos genitais, actos interrompidos pela sua própria filha, que testemunhou em tribunal ter visto como tudo aconteceu.

O tribunal disse tratar-se de «um acto sexual de relevo, praticado com dolo», razão considerada suficiente para uma condenação de um ano e seis meses, de uma moldura penal de um a oito anos de prisão. No caso da importunação sexual, a pena situa-se entre um e três anos de prisão.



29-11-2011 | Oeiras

Tiragem: 35000

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Regional

Pág: 8

Cores: Cor

Área: 8,38 x 14,66 cm²

Corte: 1 de 1

**TEATRO****Infância perdida**

Segundo dados da Amnistia Internacional, pelo menos, uma em cada três mulheres já foi vítima de violência. Foi nesse sentido que um grupo de actores do Intervalo Grupo de Teatro, com o apoio da APAV, decidiu levar à cena a peça "Monólogos das Flores Violadas" – quatro histórias que aconteceram no Brasil, mas que podiam até ter acontecido na sua rua.

Auditório Municipal Lourdes Norberto, Linda-a-Velha, dias 1, 2, 8, 9, 10, 16 e 17, pelas 21h30.

De volta ao tempo de Hitler

Depois de estrear em Cascais, "A Reunião" acontece agora em Oeiras. Uma peça de Hugo Barreiros, que nos faz regressar ao tempo tenebroso do Holocausto e que junta em palco Carlos Vieira

de Almeida, Leonor Biscaia, Miguel Damião, Rita Tristão da Silva e Vítor de Sousa, numa encenação de Marco Medeiros. Baseada em factos reais, "A Reunião" é passada na Berlim de 1942.

Novo Espaço Teatro Independente de Oeiras, Santo Amaro, até dia 18, de quinta-feira a domingo, às 21h30.

Apoio à Vítima alerta estudantes para violência

Coimbra

— A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) está a desenvolver um projecto de sensibilização para a problemática da violência sexual em contexto universitário, dirigido aos estudantes de Coimbra.

Ana Raquel Simão, psicóloga da APAV e técnica no projecto em causa, alertou, à margem de um debate sobre “Violência sexual entre estudantes universitários”, promovido pela Associação Académica, que “esta violência existe, mas, por várias razões, as vítimas acabam por não procurar ajuda”.

O projecto “Unissexo”, que arrancou em Setembro e vai ser des-



Vítimas resistem a pedir ajuda

envolvido, durante dois anos, destina-se tanto a mulheres como a homens. Além da campanha de sensibilização propriamente dita, que “terá maior visibilidade nas festas académicas”, serão realizados “workshops”, explicou Ana Raquel Simão. Isto porque a promoção de competências e o conhecimento da problemática são outros objectivos. Pretende-se que os estudantes se munam das “ferramentas necessárias para saber como dizer não” e saibam procurar ajuda, exemplificou.

A população universitária está a ser alvo de estudo, por parte do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, nesta fase inicial do projecto, que conta com diversas entidades associadas.

A violência sexual existe a partir do momento em que uma pessoa é forçada a ter relações sexuais, com ou sem penetração. Engloba situações de abuso, violação e assédio sexual. **CARINA FONSECA**



Chaves – Tertúlias da Saúde

Debate sobre violência incentiva jovens a ter coragem para quebrar o silêncio

Por ocasião do Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres, assinalado a 25 de Novembro, a 1ª edição das "Tertúlias da Saúde" reflectiu sobre o tema da violência no namoro perante uma plateia de jovens estudantes do ensino secundário.

"Sabiam que um em cada quatro jovens já foi vítima de violência no namoro?". Foi desta forma que as técnicas da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) de Vila Real, Ana Coutinho e Filipa Pereira, chamaram a atenção de jovens estudantes para a pertinência do tema, que esteve em debate na passada segunda-feira, 28 de Novembro, no auditório GATAT, em Chaves. Além do debate, os alunos do Curso Profissional de Técnico de Design Gráfico da escola secundária Dr. António Granjo expuseram vários cartazes alusivos ao tema.

Consciencializar os jovens que a violência nas relações não é apenas física, mas também verbal, psicológica, relacional e sexual foi um dos objectivos das técnicas da APAV. Incitando à participação dos estudantes do ensino secundário, que lotaram o auditório, as técnicas alertaram para um problema mais comum do que aquilo que se pensa e falaram dos sinais de alerta, dos perfis da vítima e do agressor, dos passos a seguir caso sejam vítimas de violência ou conheçam quem o seja e onde procurar ajuda. De seguida, abriu-se o debate com uma

sessão de "Facto ou Mito", que demonstrou que ainda existe algum desconhecimento desta realidade entre a comunidade estudantil.

Já a intervenção da advogada flaviense Lia Araújo baseou-se na tomada de consciência que a violência doméstica é um crime punível por lei com pena de multa e prisão de 1 a 5 anos, a partir dos 16 anos. Além disso, acrescentou a advogada, é considerado crime público, ou seja, não necessita de queixa por parte da vítima para o agressor ser julgado. "Entendeu-se que este crime é tão grave na sociedade que o Estado tem de proteger a vítima e levar o autor a tribunal", explicou Lia Araújo, exemplificando com a leitura de uma sentença de um caso de violência doméstica ocorrido em Coimbra.

"Tertúlias da Saúde" vão continuar ao longo do ano lectivo

"Assistimos hoje com muita frequência a violência de toda a espécie e consideramos que devíamos começar pelos jovens. Todos os dias ouvimos relatos nas nossas salas de aulas de algum tipo de violência, daí que temos que tratar das coisas e chamá-las pelos nomes", referiu Filomena Moreira, Coordenadora do projecto Educação para a Saúde do Agrupamento de Escolas Nadir Afonso, acrescentando que o objectivo da iniciativa foi "chegar ao maior número de pessoas".



"Todos os dias ouvimos relatos nas nossas salas de aulas de algum tipo de violência, daí que temos que tratar das coisas e chamá-las pelos nomes", referiu Filomena Moreira, Coordenadora do projecto Educação para a Saúde do Agrupamento de Escolas Nadir Afonso

Neste sentido, a tertúlia foi organizada em conjunto com as es-

colas secundárias Dr. António Granjo e Dr. Júlio Martins e com as Bibliotecas Escolares do concelho de Chaves, abrangendo alunos do 9º ao 12º ano. Segundo Filomena Moreira, as "Tertúlias da Saúde" vão continuar durante o ano lectivo 2011/2012, com outros temas como educação sexual.

No final, o director do Agrupamento de Escolas Nadir Afonso, Joaquim Tomaz, lembrou que a violência "não acontece apenas nos países de 'terceiro mundo', Mesmo no nosso distrito, há casos muito concretos. Não devemos deixar que esta vergonha aconteça".

Sandra Pereira



BRAGA ■ VÍTIMA FOI AGREDIDA A 25 DE AGOSTO DE 2009, EM PLENA RUA

Professor condenado por bater na mulher

■ Pena de três anos e meio ficou suspensa e o docente terá de pagar mil euros à APAV

● SECUNDINO CUNHA

Um professor de 50 anos, residente em Braga, foi condenado a três anos e meio de cadeia por, a 25 de Agosto de 2009, ter agredido fisicamente a ex-mulher, numa rua da freguesia de S. Vicente.

Segundo o que o Tribunal de Braga deu como provado, o docente dirigiu-se ao prédio onde reside a ex-mulher, de quem está divorciado desde 2004, com a intenção de exigir que ela não levantasse um cheque que, dias antes, lhe tinha entregue, para pagamento de pensão de alimentos.

A mulher terá recusado obedecer às ordens do ex-marido ao que ele, após uma longa e azeda discussão, respondeu com várias agressões físicas.

“Agarrou a vítima com força, apertou-lhe o pescoço com uma das mãos e desferiu-lhe com a outra várias pancadas na cabeça e no corpo com um jornal enrolado”, disse o juiz, antes de proferir a decisão.

A mulher contou com o testemunho de algumas pessoas que presenciaram a discussão, seguida de agressão, que teve lugar em plena rua, numa das maiores zonas residenciais da cidade de Braga.



O Tribunal de Braga condenou o professor a três anos e meio de cadeia, com pena suspensa

✚ PORMENORES

● INDEMNIZAÇÃO

O cheque que o docente não queria ver levantado era de uma indemnização a que já tinha sido condenado.

● VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Apesar do divórcio, a agressão à ex-mulher configura crime de violência doméstica.

“Ouvi um barulho muito grande, de pessoas a discutir, vim à janela e vi o homem a agredir a senhora com o jornal enrolado”, disse uma das testemunhas na sessão de julgamento. O professor negou as agressões, confirmando apenas o facto de se ter dirigido a casa da ex-mulher e de ter discutido com ela.

O tribunal considerou que o

O professor negou as acusações, mas acabou condenado

arguido submeteu a vítima a um “tratamento humanamente degradante, ofendendo-a física e psicologicamente” e condenou-o a três anos e seis meses de cadeia, com pena suspensa por igual período.

Além disso, o professor terá de pagar, em cinco prestações, mil euros à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). ■

**VILA NOVA DE GAIA
Registados 109
casos de violência**

Foram 109 os crimes de violência doméstica registados, em vila Nova de Gaia, pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. O número foi revelado pela veredora da Acção Social, Amélia Traça, durante um seminário sobre o tema realizado na Urbanização de Vila d'Este.

Violência doméstica foi um dos temas abordados

Igualdade e Violência de Género discutida em Odivelas



A câmara municipal de Odivelas realizou, no dia 30 de Novembro, nos Paços do Concelho de Odivelas, o Seminário "Igualdade e Violência de Género".

Neste encontro que juntou diversas entidades como a APVA - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e a UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta, foi ainda abordada a questão da mutilação genital feminina.

A presidente da câmara municipal traçou um quadro negro sobre a real situação vivida ainda hoje em todo o mundo. Susana Amador lembrou que 603 milhões de mulheres e meninas vivem em países onde a violência doméstica ainda não é

considerada crime; lamentou ainda o facto de 6 em cada 10 mulheres, no mundo, já terem sofrido violência física e/ou sexual; lamentou também que 140 milhões de mulheres e meninas tenham sofrido mutilação genital.

Sobre a realidade no concelho, Susana Amador lembrou que, em 2010, o Gabinete de Apoio à Vítima de Odivelas registou um total de 228 processos de apoio, sendo que, em 92% dos casos, as vítimas de crime assinaladas eram do sexo feminino e tinham entre os 26 e os 45 anos de idade. Em 56,5% dos casos, o local do crime, dada a relação familiar entre a vítima e autor(a) do crime, foi a residência comum.



Maus tratos fazem diminuir massa cinzenta

Saúde. Crianças e adolescentes maltratados ou negligenciados têm o cérebro diferente

CÉU NEVES

Os adolescentes que sofrem maus tratos e são negligenciados têm menos massa cinzenta em algumas áreas do cérebro, conclui um estudo da Faculdade de Medicina da Universidade de Yale, nos Estados Unidos. Os investigadores consideram que estes resultados são importantes para ajudar as vítimas de violência e de abusos.

O impacto dos maus tratos em algumas áreas do cérebro pode depender do sexo das vítimas, do tempo de exposição à situação e do tipo de violência, física ou psíquica. O que a investigação da Universidade de Yale veio provar é que as implicações neurológicas são visíveis mesmo em crianças e jovens sem diagnóstico de problemas psicológicos.

"Pode ajudar a explicar as dificuldades de aproveitamento escolar e a vulnerabilidade para a depressão e dificuldades comportamentais nos adolescentes", disse ao *Eureka Alert* Hilary Blumberg, coordenadora do estudo.

A investigação foi realizada com 42 adolescentes e publicada ontem no *Archives of Pediatric Adolescent Medicine*. A redução da massa cinzenta (células) verificada no córtex pré-frontal é independente da vítima ter sido abusada física ou psicologicamente. No entanto, em outras áreas do cérebro a diminuição depende do tipo de maus tratos a que o jovem esteve sujeito. Ao nível do sexo, também, existem diferenças, já que nos rapazes a redução tende a concentrar-se em zonas associadas ao controle de impulsos e consumo de substâncias abusivas. Já nas raparigas está mais ligado à depressão.

O neurologista Castro Caldas sublinha que todos os comportamentos "têm uma manifestação biológica e se, de facto, existem problemas que sugerem alterações de comportamento, é natural que o cérebro seja diferente". No entanto, alerta, a imagiologia não pode ser o único meio de diagnóstico, devendo ser mais um documento para avaliação.

É que, em outra investigação



Resultados ajudam a detectar situações de violência doméstica

PORTUGAL

VÍTIMAS

► **As crianças** que recorrem à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima têm na maioria entre 11 e 17 anos. De 2000 a 2009, 5917 crianças queixaram-se de maus tratos físicos e/ou psicológicos.

PERIGO

► **As comissões** de Protecção de Crianças e Jovens acompanharam 68 421 menores em risco em 2010, mais 1404 do que em 2009. Maioria é do sexo masculino e tem entre 11 e 14 anos.

que será hoje divulgado na *Current Biology*, verificou-se que as crianças expostas à violência doméstica têm uma espécie de "sintonizador" no cérebro que as alerta para as situações de maus tratos. O trabalho revela alterações na actividade cerebral destas crianças como as verificadas em soldados que estiveram em cenários de combate. "A exposição à violência doméstica constitui um factor de risco e aumenta a vulnerabilidade das crianças para sofrer de perturbações mentais, particularmente de ansiedade", explica Eamon McCrory, da University College London, responsável pelo trabalho.



Actual Indemnizações no crime

Estado só apoia 7% das vítimas de crimes violentos

Reparação. Comissão de Protecção às Vítimas de Crimes tem um 'plafond' de 800 mil euros e mais de 900 processos em mãos. Deste total, só 67 das vítimas é que recebem verbas

Morte de Diogo Ferreira por esclarecer

ASSASSÍNIO O jovem Diogo Ferreira foi morto a tiro em 2008, no parque de estacionamento do Oeiras Parque. O crime nunca foi desvendado pela PJ, permanecendo hoje o mistério do que terá levado o homicida a disparar sobre a vítima de 21 anos, quando esta se dirigia para um automóvel. Nada foi roubado - suspeita-se que Diogo possa ter visto o criminoso e por isso foi abatido.

SÓNIA SIMÕES

A Comissão de Protecção às Vítimas de Crimes tem em mãos cerca de 900 processos de vítimas de crimes violentos e violência doméstica, mas só dispõe de 800 mil euros para indemnizar. Feitas as contas, se a média dos valores atribuídos por aquele organismo ronda os 12 mil euros, apenas 7% dos casos (67 processos) poderão, eventualmente, contar com a ajuda do Estado.

Ainda assim, de acordo com o presidente da comissão, Carlos Anjos, este foi o ano mais abonatório. O valor de que o Ministério da Justiça dispõe para esta comissão começou por ser de 600 mil euros, passou depois para 750 mil, para agora se fixar nos 800 mil. "A haver cortes no próximo ano será nas despesas de funcionamento e nunca neste valor", garante aquele responsável.

A comissão começou a trabalhar em Abril, depois de uma reestruturação legislativa que passou a in-

cluir as vítimas de violência doméstica no rol de vítimas indemnizáveis. Durante mais de um ano (de Novembro de 2009 a Abril de 2011), os processos entrados na então Comissão para a Instrução dos pedidos de Indemnização às Vítimas de Crimes não tiveram resolução, primeiro por falta de lei, depois por falta de membros eleitos.

300 processos pendentes

"Quando chegámos à comissão tínhamos 300 processos pendentes, apesar de parte deles estarem praticamente arquivados, faltando apenas a tramitação." Este ano entraram cerca de 280 novos processos, metade de vítimas de crimes violentos e outra metade de violência doméstica (ver texto secundário). "Creio que aumentou a procura por parte das vítimas de crimes violentos", refere Carlos Anjos, ainda em período de consolidação de dados.

Nem todos os processos vão ficar resolvidos este ano. "Preciso de mais um ano e meio para pôr a casa

em ordem. Nós queríamos estar a trabalhar com casos recentes, porque esta situação traz-nos problemas de impacto orçamental."

Contactado pelo DN, o Ministério da Justiça disse já ter pago, desde Abril, 209 207 euros. "Mas a secretaria-geral prepara-se para efectuar mais pagamentos", ressaltou.

Apesar de o *plafond* da comissão não chegar ao milhão de euros, Carlos Anjos sustenta-se num estudo da Comissão Europeia de 1992 (o único feito até agora) para mostrar que, em comparação a outros países da Europa, não somos assim tão pobres. "Nesse estudo concluiu-se que Portugal e a Irlanda eram os países que apoiavam menos pessoas, mas eram os países que atribuíam as indemnizações mais elevadas."

A lei que regula o valor das indemnizações a atribuir, assim como os requisitos (ver caixa), estabelece um tecto máximo de 32 mil euros de indemnização. "A média das nossas indemnizações ronda os 12

mil euros, na Alemanha ronda os seis mil. Fiquei surpreendido, não sei se é por os alemães terem melhores condições socioeconómicas."

Juízes sem estabelecer valores

Na visão de João Lázaro, presidente da Associação de Apoio à Vítima, sendo a comissão estatal, "só parte das vítimas em condições de serem indemnizadas o são". No entanto, ressalva, esta comissão acaba por ter "um trabalho social" - porque só é activada quando não existe uma indemnização da parte do agressor, seja porque ele não tinha condições para pagar seja porque não foi decidida em tribunal. "O que se gasta com as vítimas é um milésimo do que se gasta em todo o processo penal."

Mesmo assim, refere, "muitos dos casos chegam à comissão porque o juiz não arbitra oficiosamente". Não tendo sido deduzido um pedido de indemnização, "às vezes por desconhecimento", a lei permite ao juiz "arbitrar uma quantia a tí-

tulo de reparação pelos prejuízos sofridos". "E muitos juízes nem sequer o fazem", critica o responsável.

O presidente da Associação Sindical dos Juízes Portugueses, António Martins, explicou ao DN porquê. Até ao Código de Processo Penal de 1987, eram os juízes que arbitravam oficiosamente todas as indemnizações. "A lei foi depois alterada por terem existido várias situações injustas."

No entanto, critica, "agora não é carne nem é peixe". Por um lado, pode a vítima pedir indemnização, por outro, pode o juiz estipular o valor a pagar pelo agressor. "Como é que um juiz conhece os danos efectivos da vítima? O juiz tem de ser imparcial, nem sequer pode pedir esclarecimentos, correndo o risco de não manter a equidistância."

Assim, defende, preferem os juízes abster-se de arbitrar oficiosamente e permitir à vítima recorrer à comissão. Mas, ressalva, "todas as pessoas são notificadas da possibilidade de pedir indemnização".



Homicídio no Oeiras Parque foi considerado acidente de trabalho

SEGURO Os pais de Diogo Ferreira, o rapaz de 21 anos assassinado no parque de estacionamento do Oeiras Parque, em 2008, viram recusado o pedido de indemnização feito há mais de três anos à então denominada Comissão para a Instrução dos Pedidos de Indemnização às Vítimas de Crimes.

Na altura, recordou o pai da vítima ao DN, ele e a mulher precisavam de apoio psicológico. "Recorremos à APAV e foram eles que nos falaram da comissão", diz Carlos Ferreira. "A minha mulher tinha consultas diárias, eu tive algumas para aprender a lidar com o meu filho mais novo, que passou uma fase difícil." Paralelamente, o Ministério Público terá activado o seguro que cobria Diogo.

O jovem estava a sair da loja onde trabalhava em *part-time* e dirigia-se ao carro, no estacionamento, quando foi baleado. Suspeita-se que o mesmo homem seja o autor do homicídio de Alexandra Neno, assassinada em Sacavém.

A seguradora ainda alegou que os pais não eram beneficiários do seguro, mas o Tribunal da Relação deu razão à família. Pai, mãe e irmão estão a receber 100,5 euros por mês – o casal até se reformar, o irmão mais novo até completar 25 anos.

Perante o pagamento do seguro, não pode a comissão indemnizar a família. *(ver caixa sobre lei)*. "Foi considerado um acidente de trabalho e houve uma indemnização, a comissão não entra nestes casos", explica Carlos Anjos ao DN. Já se fosse a família de Alexandra Neno a pedir, a resolução do caso podia ser outra. "Cada caso é analisado ao pormenor", sublinha Carlos Anjos, s.s.

O QUE DIZ A LEI

REQUISITOS

► **Incapacidade** para trabalhar, graves perturbações ao nível da qualidade de vida e impossibilidade de receber uma indemnização por parte do agressor são os três requisitos para uma vítima ou um familiar poder recorrer à comissão.

AGRESSORES

► **A lei** permite indemnizar vítimas de crimes cujos suspeitos sejam desconhecidos ou por qualquer razão não tenham sido condenados.

SEXUAIS

► **Em casos** de crimes sexuais, não é necessária incapacidade de trabalhar para se ser uma vítima indemnizável.

VIOLENTOS

► **A indemnização** a vítimas de crimes violentos não pode exceder os 32 mil euros.

ACIDENTES

► **Indemnizações** não são aplicáveis a casos de acidentes de viação ou acidentes de serviço.

APOIO SOCIAL

► **Além** da indemnização, a comissão pode conferir às vítimas medidas de apoio social, educativo e terapêutico, através de protocolos com outros organismos.

CRISE

► **No caso** de vítimas de violência doméstica, pode a comissão indemnizar vítimas que incorram em situação de grave crise económica em consequência do crime.

3 PERGUNTAS A...

"Espaço afectivo não é indemnizável"



CARLOS POIARES
Psicólogo criminal

Em que medida o pagamento de uma indemnização pode ajudar a minorar o sofrimento de uma vítima ou da família?
Quando uma vítima de crime sobrevive, não há indemnização que a faça ultrapassar o trauma. Ela pode ser ressarcida, mas os danos ficam lá. As indemnizações também deveriam prever a reinserção da vítima na sociedade, através de um acompanhamento médico. Há também indemnizações que são apenas simbólicas, porque o espaço afectivo das vítimas não consegue ultrapassar o acontecimento.

A celeridade no pagamento das indemnizações é importante?
Sim, muito importante. Porém, há casos em que, por exemplo, as seguradoras, através dos seus advogados, conseguem arrastar os processos com infundáveis recursos. E os casos eternizam-se. **O valor das indemnizações a vítimas de crimes violentos ou às suas famílias está correcto?**
É um dado a que se chega por aproximação. Quanto vale uma vida? Ninguém sabe a resposta. Os tribunais tentam encontrar um valor e, ultimamente, já pedem ajuda aos psicólogos para determinar as indemnizações.

Ordenado mínimo para vítimas de violência doméstica

REGRAS Um ordenado mínimo durante seis meses prorrogáveis por igual período é quanto uma mulher ou um homem vítima de violência doméstica pode receber para sair de casa e abandonar o cenário de agressões a que foi sujeito.

A lei que regula as indemnizações a atribuir estabelece regras diferentes para as vítimas de crimes violentos e para as de violência doméstica. Neste caso, refere Carlos Anjos, o processo "é mais urgente".

"Estamos a analisar casos de violência doméstica entrados no período em que a comissão esteve inoperativa, mas não faz sentido olhar para estes casos tanto tempo depois. Os deste ano estão todos em dia, não se pode deixar

passar muito tempo", explica.

Ao contrário das vítimas de crimes violentos, 98% das quais esperam pelo fim do julgamento para recorrer à comissão, às vítimas de violência doméstica a comissão prevê um adiamento. Significa isto um ordenado mínimo, e nada mais, durante seis meses, prorrogáveis por igual período. "Se a vítima receber um rendimento social de inserção, temos de o descontar ao ordenado mínimo e só damos esse valor." Ainda assim, haverá casos em que a comissão tenta outros apoios, como a lei prevê. Como é que uma mulher que aufera 500 euros consegue sair de casa com dois filhos? "É tudo analisado caso a caso", refere.

O presidente da APAV, João Lá-

zaro, reconhece a rapidez que esta comissão tem conferido aos processos – seja a resposta positiva ou negativa. Mas prefere chamar a este adiamento uma prestação social. "Deve ser olhado como um apoio financeiro face a uma análise criteriosa." Um apoio que, nos dias que correm, dá para pouco. "Para uma mulher que tenha de recomendar a vida do zero, e isso pode significar mudar geograficamente, um ordenado mínimo não chega", revela. E dá o exemplo das mulheres a quem a APAV tem dado abrigo.

"Mesmo com apoio nos cuidados de saúde, na alimentação, estas mulheres demoram cada vez mais tempo a autonomizar-se, principalmente neste período de crise", conclui. s.s.

Só há 800 mil euros para indemnizações às vítimas de crime

Apoio. Comissão de Protecção tem 900 processos pendentes, mas, em média, só consegue indemnizar 67 casos, o que representa 7% dos pedidos

O *plafond* da Comissão de Protecção às Vítimas de Crimes é de 800 mil euros, verba que nem chega para prestar apoio a 10% dos processos. Após ano e meio parada, a en-

tidade retomou actividade em Abril e tem, actualmente, 900 casos pendentes. As indemnizações só são atribuídas se o pedido não tiver passado por tribunal. Foi o caso

dos pais de Diogo Ferreira, o jovem morto no Oeiras Parque em 2008. A justiça decidiu que foi acidente de trabalho e a indemnização foi paga pelo seguro. **ACTUAL** PÁGS. 6 E 7



capa

JOÃO M. PREOCUPA IRMÃ, QUE NÃO QUER QUE O ALGARVIO VOLTE A SOFRER

“TEMO que ele ainda a ame”

O pai não sabia de nada. A mãe só queria que ele ultrapassasse tudo. E a irmã só quer que ele a esqueça. Porém, todos elogiam a sua coragem

Foi visivelmente consternado que João M. recordou os 3 anos de sofrimento que viveu com a ex-namorada, que com regularidade o agrediu dos 16 aos 19 anos. Era este, de resto, o seu segredo. Três anos pautados por agressões, algumas delas preocupantes como “um pontapé nonariz”, que o partiu, tudo porque o rapaz teceu elogias a “Cláudia Vieira que estava na TV”. Acontecimentos trágicos que preocuparam a mãe durante meses a fio, especialmente quando este lhe telefonava, depois da mulher que amava o pôr na rua, num dos seus ataques de fúria. “Quando a conheci não tinha nada a apontar”, salienta Paula Mota. Mas, depois, tudo mudou. “Hoje, felizmente, o problema está resolvido, mas quando ele me contou pensei que o chão me tinha saído debaixo dos pés”, recorda, visivelmente emocionada. Mais chocado estava Urbino, o pai,

“NÃO SABIA DE NADA ATÉ ELE IR PARA A CASA” – PAI JOÃO M.

que, constrangido, confessou desconhecer o drama pelo que o filho viveu. “Não sabia de nada até ele entrar para o programa. Só ele e a minha mulher sabiam. Fiquei triste, porque ele sofria e eu não sabia”, conta, consternado.

“Ele é um exemplo por ter contado isto. Estou muito orgulhoso dele”, rematava, Urbino, recusando-se a alongar mais sobre o assunto. Já a irmã, Patrícia, afirmou: “Ele é que tem de falar. Sempre soube de tudo e estava muito triste.”

Apesar de saber que o irmão superou essa má fase, que tanto o atormentou durante três anos, Patrícia teme que ele possa ter uma recaída. Culpa do coração. Tudo porque sabe “que ele ainda a ama”. “Por isso é que ele não se liga a ninguém, na Casa ou fora dela.” E completa: “Só não quero que se volte a aproximar dela. Tenho medo disso” diz, antes de termi-





Os pais de João M. (em baixo, ao lado de Fernando, pai de Fanny) estavam visivelmente consternados com a confissão do filho, mas deram-lhe força

nar a conversa: "Só quero que ele seja feliz."

As palavras abusadoras de Fanny podem trazer más recordações a João

O SONHO E A ESPERANÇA

Segundo José Félix, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), o regresso aos braços de quem agride é algo que pode acontecer, e que até é comum. "É uma questão de esperança. As vítimas tentam realizar o sonho de

Fanny, por exemplo, simplesmente porque quando pensa em amor ainda pensa na pessoa que o agrediu, pois ainda gosta dela. É uma situação muito complicada, especialmente para um jovem."

rada para isso... ainda. Por isso, muitos preferem viver em sofrimento e em silêncio."

O PROBLEMA FANNY

Apesar de Fanny dizer que gosta de João M., a verdade é que a forma como ela fala com o algarvio pode vir a trazer-lhe más memórias. Quintino Aires explica. "Lá dentro, ele não associa uma coisa à outra. Ela é apenas uma amiga, uma pessoa de quem gosta. Porém, quando chegar cá fora e vir as imagens, algumas delas com a Fanny a ameaçá-lo, vai certamente relembrar as vivências traumatizantes por que passou. Não vai ser fácil para ele", diz o psicólogo à TV Guia Novelas.

Texto Hugo Alves Fotos Carlos Soares

||||| "Ainda são poucos os homens que apresentam queixa na Polícia" – José Felix, da APAV

serem felizes com a pessoa que amam e não conseguem esquecer. Por isso, voltam muitas vezes a deixar-se cair na mesma paixão, por muito que se magoem fisicamente", explica. O psicólogo Quintino Aires é da mesma opinião. "Ele pode não conseguir apaixonar-se pela

Na APAV, há ainda poucos casos documentados sobre o assunto. "É uma realidade que existe, mas ainda são poucos os homens que apresentam queixa na Polícia, têm vergonha", explica José Félix, salientando: "Não é suposto os homens serem os agredidos. A sociedade não está prepa-



O Jogo da Vida



MIGUEL BARREIRA

Luís Figo dá início a campanha de Natal

Luís Figo esteve ontem no MARL (Mercado Abastecedor da Região de Lisboa) numa ação de entrega de presentes a crianças de várias instituições, como a Cruz Vermelha, a Santa Casa da Misericórdia, a APPT21/Diferenças e a Escola EB1/JI de Alfragide. A Fundação do antigo internacional português deu assim início à habitual campanha nacional de oferta de presentes de Natal, iniciativa à qual se associou Rui Serôdio, presidente do conselho de administração do MARL, e Sónia Paixão, vereadora da CM Loures. Acreditar, CrescerSer, Associação Sol, Ajuda de Berço e APAV, entre outras associações, hospitais e escolas, são alguns destinos da campanha que ontem teve início. Na ocasião, Figo comentou alguns acontecimentos do futebol português, revelando confiança em Fernando Gomes como novo presidente da FPF e no Sporting que "será sempre candidato ao título".



C APA



CONCORRENTE DIZ QUE **SANDRA** O AGREDIU DURANTE TRÊS ANOS

Ex-namorada quer processar João M.

João Mota comoveu o País ao revelar pormenores de como foi vítima de violência doméstica por parte da ex-namorada. A confissão deixou Sandra, a alegada agressora, a ponderar levar o ex-namorado a tribunal. "Está a pensar processá-lo por difamação", diz uma amiga que não se quer identificar. Outra fonte revela que "a mãe dela está chocada com as declarações do João,

O algarvio contou que foi vítima de violência doméstica por parte da namorada com quem dividiu casa. Agora, quando sair, pode ser acusado de difamação e injúrias.

ser renhida. "Como não houve queixa na altura da agressão, ela pode processá-lo por injúrias ou difamação. Mas as coisas não vão ser fáceis. A verdade é que ele nunca disse o nome da Sandra e, se continuar sem

João tinha 16 anos quando começou a namorar com Sandra. Ao fim de um ano, conta que começou a aperceber-se da natureza agressiva da namorada com os constantes gritos e discussões. A agressão "mais grave" terá acontecido quando estavam "a ver televisão" e João elogiou a atriz Cláudia Vieira. "Deu-me um pontapé na cara que me deixou a sangrar", contou em direto na TV.

"A Sandra não esperava que o João falasse de coisas da intimidade deles", revela fonte do círculo de amigos

porque não foi a educação que deu às filhas". E continua: "A senhora é muito respeitada e não quer meter-se em polémicas", afirma. No círculo de amizades de Sandra, alguém explica que "ela não fala sobre o assunto com ninguém", mas que se "nota que ficou surpreendida e aborrecida com a situação". E conclui: "A Sandra não esperava que o João falasse de coisas da intimidade deles." Desde que João Mota entrou na **Casa dos Segredos**, a ex-namorada evita aparecer em público e quase ninguém sabe do seu paradeiro. Se avançar para a justiça, a batalha deverá

o fazer até ao fim do programa, essa pode ser a grande defesa dele", explica o advogado Bruno Martin. "Não havendo identificação da pessoa, ela corre o risco de perder o processo", reafirma o causídico. Se o ex-casal se enfrentar em tribunal, o estudante do Algarve pode ainda recorrer a alguns trunfos. "Ele terá de arranjar testemunhas que tenham assistido a alguma agressão ou que possam de alguma maneira comprovar o que diz. E também há outras formas de provar uma agressão, como fotografias, mas não sei se ele as tem", diz ainda o advogado.

A partir daí, seguiram-se várias situações semelhantes, que pioraram quando o casal foi estudar para Lisboa e ficou a partilhar casa. O estudante de Gestão aguentou o namoro durante três anos e contou a Teresa Guilherme que o fez por amor. "Uma pessoa quando gosta não pensa com o cérebro, mas com o coração."

João Mota não é caso único. Sempre que se fala em violência doméstica, pensa-se em mulheres agredidas, mas também há homens vítimas deste tipo de abuso. "A maioria não assume por ver-

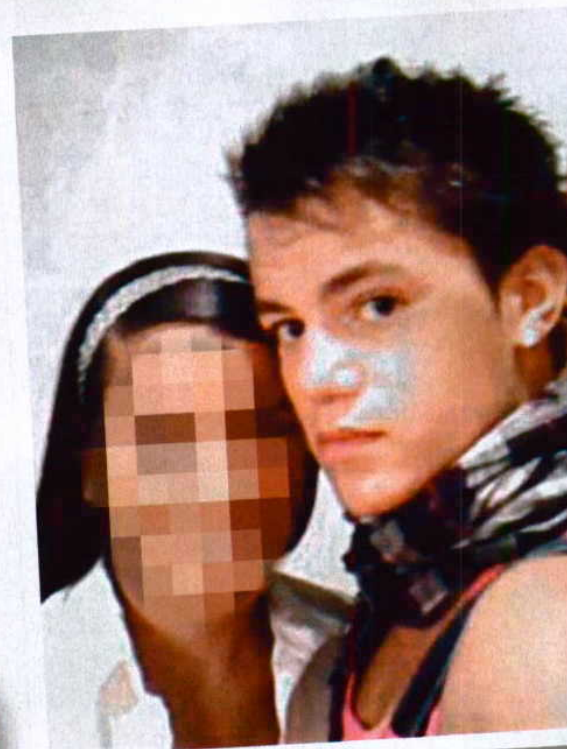


EMOÇÃO E CHORO

Perante perto de 1,5 milhões de telespectadores, João Mota reviveu o drama por que passou, ao revelar ter sido vítima de violência doméstica

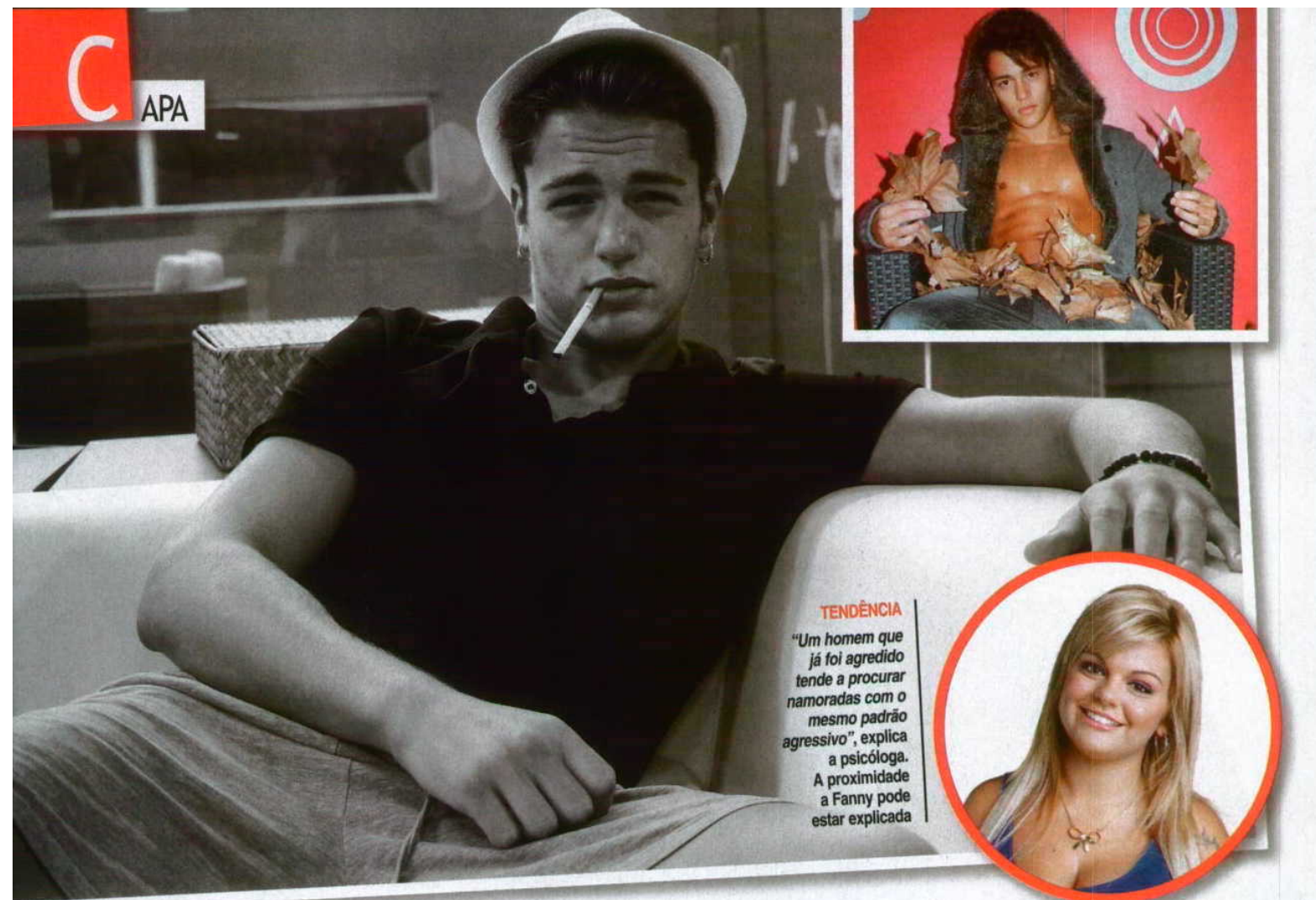
**O FIM DO NAMORO**

A relação entre João Mota e a ex-namorada terminou quando o concorrente percebeu que tinha de parar de "pensar com o coração"

**Sonho desfeito**

João Mota "gostava de experimentar a representação e espera que a **Casa dos Segredos** lhe abra portas nesse sentido", lê-se no perfil de concorrente disponibilizado pela TVI no site oficial do programa. Hugo de Sousa, coordenador do projeto de **Morangos com Açúcar**, produção que funciona grande parte das vezes como porta de entrada para a ficção da TVI, desvaloriza, porém, a aspiração de João Mota. "A notoriedade não basta para que um concorrente de reality show faça casting para a série. É uma questão que se levanta desde o **Big Brother**, mas que, sinceramente, nem se deve colocar", diz o responsável da Plural – a produtora do canal de Queluz de Baixo.





TENDÊNCIA

"Um homem que já foi agredido tende a procurar namoradas com o mesmo padrão agressivo", explica a psicóloga. A proximidade a Fanny pode estar explicada

Ilustre desconhecido

Na Universidade Lusófona de Lisboa, onde João Mota frequentará Gestão, ninguém o conhece. Ou, pelo menos, não há quem o admita. A NOVA GENTE questionou alunos e funcionários, nos vários bares, na cantina e nas zonas de convívio, mas nunca obteve resposta afirmativa. O site oficial do reality show informa que o concorrente é "estudante de Gestão" e a página de fãs no Facebook acrescenta que até tem "média de 17 valores". Na secretaria da Universidade, há relutância em confirmar se o concorrente está, ou esteve, inscrito na instituição e solicitam-nos a questão por e-mail, conselho que a NOVA GENTE segue, mas cuja resposta não chegou até ao momento do fecho desta edição.

gonha", explica a psicóloga Andreia Moniz. Segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), no ano passado, de todas as queixas recebidas, apenas 13% foram de homens agredidos pela namorada ou mulher. "Há sempre uma razão para as pessoas se deixarem violentar. Não posso falar do caso específico do João Mota, porque não o conheço, mas, na generalidade, um rapaz ou

NOVA GENTE. Apesar de João afirmar que nunca mais passou pelo mesmo, episódios de violência podem repetir-se. "Aquele pode não ter sido uma situação isolada. Um homem que já foi agredido tende a procurar namoradas com o mesmo padrão agressivo", atesta Andreia Moniz. A explicação vai ao encontro do que o público tem assistido da relação entre o algarvio e a concor-

"Gosto de personalidades difíceis e, normalmente, essas dão discussões", justifica-se João Mota

um homem que se deixa agredir pela namorada é porque foi agredido em criança pela mãe. Não quer dizer que lhe tenham dado grandes tarefas, mas há aquela cultura do açoite... Há pais e mães que, por qualquer coisa, dão um açoite no filho e as crianças crescem a achar que isso é normal", explica a psicóloga. A mãe de João, Paula Mota, apressou-se a esclarecer que nunca tinha batido no filho, mas recusa-se a voltar a debater o assunto. "Não quero falar para as revistas", diz quando contactada pela

rente Fanny. "Gosto de personalidades difíceis e, normalmente, essas dão discussões", disse João no confessional. Para a psicóloga Andreia Moniz, há duas formas de resolver estas situações. "Os homens encontram uma mulher diferente, mais doce, que lhes mostre que é possível ter uma relação sem violência ou então devem recorrer a terapia. Há traumas de infância que permanecem, mesmo que a pessoa não se aperceba", diz.

Texto: ALEXANDRA FERREIRA, LUÍS MARTINS e PATRÍCIA CORREIA BRANCO; Fotos: NUNO MOREIRA, D.R. e DIVULGAÇÃO TVI





Linha Internet Segura recebeu 125 chamadas

●●● A Linha Ajuda Internet Segura respondeu nos primeiros seis meses de existência a 125 pedidos de ajuda, tendo reencaminhado 15 casos para a Polícia Judiciária por considerar que se tratava de roubo de identidade e “cyberbullying”.

Criada em 01 de junho deste ano para ajudar os jovens e educadores a protegerem-se dos perigos da internet, a Linha recebeu 125 chamadas: metade eram pedidos de informação, mas também havia quem ligasse por questões relacionadas com “a educação para os média/informação técnica (23%), segurança ou

utilização não autorizada de dados pessoais (14%) e conteúdo nocivo (14%)”, revelaram os responsáveis em resposta à Lusa.

Dos casos que chegaram àquele serviço, 25 acabaram por ser encaminhados para outras entidades porque a linha considerou que se tratava de denúncias ou de problemas relacionados com possíveis ilícitos criminais.

“As situações mais expressivas foram as encaminhadas para a Polícia Judiciária: dez casos de roubo de identidade, em que alguém acedendo a perfis online assumiu a entidade dos contatantes e a usou

para atos ilícitos, e cinco casos de cyberbullying, de vítimas de perseguição feita com recurso a tecnologias online”, referem os responsáveis pelo serviço.

Foram ainda encaminhadas outras três situações para a Linha Alerta Internet Segura, quatro casos para a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, um para a SOS Criança e outro para a Defesa do Consumidor.

De acordo com as informações enviadas para a agência Lusa, as mulheres são quem mais recorre a este serviço, representando 57% dos contactos realizados até agora, e são as pessoas na faixa etária dos 25 aos 49 anos (39%).



Gaia debate Violência Doméstica

O seminário "Violência Doméstica e Conjuntura Económica Actual - Que Relação?", promovido pelo município de Gaia, através da Gaiurb e da Agência de Desenvolvimento Local de Vila d'Este, ultrapassou todas as expectativas da organização e permitiu uma profunda reflexão sobre esta problemática social que cresce à medida da crise que atravessa o país.

Realizado no âmbito das comemorações do Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres, o seminário registou uma forte adesão de participantes (cerca de 150 inscritos), um leque de oradores de reconhecido mérito nacional e

internacional e permitiu uma profunda reflexão sobre este fenómeno transversal a todos os estratos sociais e económicos. Em Gaia, segundo números apontados pela vereadora da Acção Social da autarquia, a APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima registou, entre 2009 e 2010, 109 crimes de violência: 86,4% das vítimas foram mulheres, enquanto 13,6% foram homens. Do universo de prevaricadores e agressores, é muito preocupante os 5,9% de jovens estudantes. "Há casos de bradar aos céus", indignou-se Amélia Traça.

"A violência doméstica é um tema muito actual e todos adivinhamos que



vai ter alguma correlação com esta conjuntura económica. Todos nós sabemos que não é exclusiva dos estratos mais desfavorecidos, mas que também existe em todas as camadas sociais", afirmou André Correia, durante a abertura do seminário, apontando o receio de a crise económica que o país atravessa poder contribuir para o agravamento dos focos de violência doméstica. "Este fenómeno já devia estar erradicado no século XXI", salientou.

O seminário desenvolveu-se em dois painéis e teve como oradores Alcina Manuela Oliveira Martins, Vice-

Reitora da Universidade Lusófona, Subcomissário Marco Almeida, do Núcleo de Operações do Comando Metropolitano do Porto da PSP, Ana Miranda, da Direcção dos Serviços de Saúde da ARS-Norte, Cristiana Silva, da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, Judite Regueira, técnica superior da Segurança Social, Sargento Paulo Pinto, do Núcleo de Intervenção e Apoio a Vítimas Específicas da GNR, João Belchior, da Santa Casa da Misericórdia do Porto, e Vítor Rodrigues, investigador do Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho.



40. T-SHIRT TERRA DOS SONHOS

Pode ser a sua oportunidade de ter uma peça desenhada pela estilista Katty Xiomara no armário por apenas 15 euros. Há para homem, mulher e criança. O modelo feminino tem umas mangas especiais. À venda em www.terradossonhos.org Preço: 15€ (adulto), 10€ (criança).

WWW.BOOKANDHELP.COM

42. BOOK AND HELP

Se vai oferecer uma viagem a alguém, antes de marcar o hotel no Booking.com visite www.bookandhelp.com. Se o fizer através deste site, por cada noite reservada, dois euros serão doados a uma destas instituições: Acreditar, Aidglobal ou Associação Portuguesa de Portadores de Trissomia 21.



45. VELA CÁRITAS

Custa apenas um euro e está à venda em qualquer Pingo Doce. Não poderia ser mais fácil meter uma velinha destas no cesto das compras, entre alfaces e iogurtes, e pagá-la na caixa. As receitas revertem a favor das famílias mais carenciadas de Portugal e ajudam no combate à escassez alimentar na Somália.



48. APRENDE COM O GIL

Por mais que continue a lutar contra isso, mais tarde ou mais cedo vai ter que adoptar as regras do novo acordo ortográfico. Por isso, mais vale fazê-lo com este livro que dá para crianças e adultos. Encomendas em www.fundacaodogil.pt ou na loja Gilices (Picoas Plaza).



41. SWATCH CHRONOPLASTIC

Diz a Swatch que este relógio resiste às agressões da "selva urbana", por isso faz sentido ser este o modelo cuja compra ajuda a construir o primeiro centro de acolhimento em Portugal para crianças de todo o mundo que são forçadas a deslocar-se devido a conflitos, perseguições, catástrofes ambientais e pobreza. Lojas Swatch. Preço: 89€



43. ARTESANATO AFRICANO

A Helpe é uma ONGD que trabalha na melhoria das condições da população e de grupos desfavorecidos do hemisfério sul, e que ainda ajuda na consciencialização dos países do hemisfério norte para estas problemáticas. Uma forma de apoiar os seus projectos é comprar peças de artesanato africano, como colares, pulseiras, bolsas de capulana e carteiras de palha. Preço: de 3€ a 20€. À venda em www.helpe.pt



46. LIVRO ESTÁ TUDO ÓPTIMO

É bem possível que oferecer este livro a uma criança vá ter uma consequência negativa para si: a pilha de loiça para lavar depois de uma tarde passada na cozinha a experimentar todas as receitas deste livro. São 38 receitas, 21 jogos e passatempos e 12 histórias. O livro está à venda na Acreditar, R. Prof. Lima Basto, 73 (em frente ao IPO). 21 7221150. Preço: 7,50€



44. MALA TELABAGS/ APAV

O trabalho que a Tela Bags desenvolve não está muito distante daquilo que a APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima – faz. Tal como a Tela Bags pega em materiais com vivências anteriores e lhes dá uma vida nova, também a APAV tenta fazer isso com as vítimas que apoia. Para ajudar esta associação basta comprar uma das malas bem giras da colecção especial que a Tela Bags criou a partir de materiais de campanhas da APAV. À venda em www.apav.pt. Preço: 25€.



47. CANECAS YOUNAM'IT

Ao comprar uma destas canecas desenhadas por Marcos Bessa não vai ser apenas o seu desejo de tomar o pequeno-almoço numa peça de design que vai estar a satisfazer, mas também o de crianças e jovens com doenças graves, progressivas, degenerativas ou malignas. É que ao comprar a caneca One of a kind ou a caneca Winter, parte dos 13 euros revertem para uma instituição como a Make a Wish. <http://younamit.blogspot.com>



50. CACHECOL MODALFA

Vinte cachecóis alimentam uma criança, 50 garantem o seu transporte escolar, 100 compram medicamentos para uma criança e 500 já são suficientes para fazer seguir em frente uma criança sem mobilidade. Por si, caro leitor, estes cachecóis da Modalfa operam o milagre de o aquecer nos dias mais frios. À venda nas lojas Modalfa e nas delegações da Cruz Vermelha Portuguesa. Preço: 5€ (26 revertem para o programa "Portugal Mais Feliz" da CVP, que apoia famílias carenciadas). www.cruzvermelha.pt



49. LAVAGEM AUTOMÓVEL CAIS

Não é a mesma coisa que oferecer um perfume ou uma camisa, mas dar um banho ao seu carro pode ser uma original e solidária sugestão, já que ao fazê-lo vai estar a ajudar a Cais. A lavagem manual e aspiração de automóveis é feita com produtos ecológicos. Se quiser oferecer este serviço basta ligar a marcar, pagar e recebe o vale em casa. O serviço é prestado durante a semana em casa ou no seu local de trabalho, num sítio abrigado e com ligação à electricidade. Preços: lavagem e limpeza interior (15€), lavagem ou limpeza (11€). Marcações: 21 836 9000 ou e-mail: caisfaz@cais.pt

Oeiras

Paco Bandeira leva companheira a doze anos de terror

Cantor vai ser julgado por violência doméstica

31 Dezembro 2011 ☆ Nº de votos (60) 💬 Comentários (90)

Por: Magali Pinto/ Luís Oliveira/ Henrique Machado



1,043 people like this. Be the first of your friends.



Violência doméstica contra a mulher e maus tratos sobre a própria filha, quando ainda era bebé, são dois dos crimes que levam o cantor Paco Bandeira ao banco dos réus do Tribunal de Oeiras. A primeira companheira do músico, recorde-se, foi encontrada em 1996 com uma bala na cabeça, mas vingou a tese de suicídio.

Entre 1997 e 2009, a segunda mulher do músico, M.R., foi humilhada, agredida e ameaçada, chegando num dos muitos episódios violentos a ter um revólver encostado à cabeça – com a filha de 3 anos ao colo, lê-se na acusação do Ministério Público a que o CM teve acesso.

Paco Bandeira iniciou a relação com M.R. poucos meses depois de a primeira mulher ter morrido com um tiro do seu revólver.

Ciumento e possessivo, uma semana antes do baptizado da filha, agora com 12 anos, Paco Bandeira disse ter um vídeo da prova da infidelidade da mulher com o padre que celebrou a missa, o que não se confirmou. O cantor alentejano chegou a confessar à empregada doméstica que M.R. "corria risco de vida" e que tinha mesmo "a hora marcada". Instalou sem o seu conhecimento um sistema de gravação de imagem e som no interior da casa em Oeiras. Todos os passos de M.R. eram vigiados.

M.R. é técnica superior dos Serviços Prisionais e partilhou a casa com Paco Bandeira 12 anos.

Saiu de casa a 17 de Abril de 2009, depois de várias humilhações, inclusive na presença de pessoas. "Tu és estúpida" ou "cala-te, tu não percebes nada do assunto" eram algumas das expressões. A filha assistiu à maior parte das cenas violentas e numa das vezes evitou com o choro que a mãe levasse uma paulada na cabeça.

MULHER E FILHA DEIXAM LAR "POR RISCO DE VIDA"

M.R. e a filha só abandonaram a casa em Oeiras a 15 de Abril de 2009. A mulher regressou à casa dos pais "por entender que corria risco de vida, bem como a sua filha". Ontem, os vizinhos mostraram-se surpreendidos com a acusação de agressões. "Parecia um casal normal", disse uma vizinha.

ESCONDIA ARMAS EM CASA E NO SEU MERCEDES

Segundo a acusação, Paco Bandeira fazia-se acompanhar de um revólver que levava no seu Mercedes. Em casa, tinha outro dentro de uma caixa na cómoda e deixava munições em cima da mesa-de-cabeceira, no quarto, na sala e na cómoda da casa do Alentejo.

NÃO QUERIA SER INCOMODADO AO VER TELEVISÃO

O tratamento do cantor para com a mulher e a filha era de desprezo. Em Maio de 2008, Paco Bandeira ordenou à mulher e à filha que saíssem da sala onde todos estavam a ver televisão e fossem para a garagem. Não queria ser incomodado com o barulho.

"ACUSAÇÃO MUITO BEM FUNDAMENTADA"

Pedro Sobral é o advogado de defesa da vítima e, ontem, confrontado pelo CM, disse apenas que considera que a "acusação está muito bem fundamentada". O processo partiu de uma técnica do Gabinete de Apoio à Vítima, que fez queixa ao Ministério Público. O advogado lembrou que as agressões davam-se em Oeiras, na sua quinta em Sintra e no Monte do Cortiço, uma propriedade no Alentejo.



Paco Bandeira viveu com a mulher em Oeiras. Actualmente reside numa quinta em Sintra

Tamanho Letra A- A+

Enviar

Imprimir

Partilhar

Comentar

Ler Comentários

Lida 118582

☆ Gostou desta notícia? ● ●
Sim Não

URL <http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/exclu>

↓ COMENTÁRIO MAIS VOTADO

"calma gente;para se dançar a valsa sao precisas 2 pessoas;nao julguem!e o's pois cada conto seu ponto..."

antonio
31 Dezembro 2011